

A PRESENÇA MASCULINA E A SOCIEDADE LISBOETA EM *OS MAIAS*, DE EÇA DE QUEIRÓS

Maria do Socorro Pereira de Almeida*

RESUMO

O artigo observa em *Os Maias*, de Eça de Queirós, como se revela a sociedade lisboeta do século XIX e como as personagens masculinas representam essa sociedade em Portugal. Busca-se perscrutar também, representados especialmente pelas figuras masculinas, aspectos de alguns movimentos literários e os conflitos de gerações. Para tal objetivo, nos embasamos teoricamente em algumas perspectivas dos estudos de gênero, dos aspectos realistas na literatura do século XIX e contemporânea, bem como em aspectos filosóficos e na leitura analítica da obra. Entre os estudiosos aos quais recorremos estão Rose Marie Muraro, Simone de Beauvoir, Leonardo Boff, Anacleto, Marcuse, Otavio Paz entre outros. Ao final, foi possível perceber que, embora a obra apresente a traição, o triângulo amoroso, o dinheiro, o interesse e tudo mais que constam nas obras realistas, não é o triângulo em si que dá sustentação a ela, a performance em torno desse núcleo é toda masculina, como se, aos olhos da sociedade, os homens fossem realmente a pilastra de sustentação social.

Palavras-chave: Eça de Queirós. *Os Maias*. Patriarcalismo. Gênero. Sociedade.

ABSTRACT

The article observes in *Os Maias*, by Eça de Queirós, how is revealed the Lisbon society of the XIX century, and how the male characters represent this society. We also seek to investigate, specially represented by male figures, aspects of some literary movements and generation conflicts. For this objective, we base the theory on some perspectives of gender studies, of the realistic aspects in literature from the XIX century and contemporary literature, as well as philosophical aspects in the analytical reading of the work. Among the scholars to whom we refer are Rose Marie Muraro, Simone de Beauvoir, Leonardo Boff, Anacletus, Marcuse, Octavio Paz and others. At the end, it was possible to perceive that, although the work presents betrayal, the love triangle, the money, the interest and everything else that appears in realistic works, it is not the triangle itself that supports the work, the performance around this core is totally male, as if, through the eyes of society, men were really the pillar of social sustaining.

Keywords: Eça de Queirós. *Os Maias*. Patriarchalism. Gender. Society.

1 INTRODUÇÃO

* Doutora em Literatura e cultura, professora da UFRPE/UAST

Maria do Socorro Pereira de Almeida

O Romance realista visa desconstruir os ideais românticos, tentando mostrar e, ao mesmo tempo, criticar as fragilidades desses preceitos que contradiziam, até certo ponto, as descobertas científicas e as inovações socioeconômicas que deixavam ainda mais visível as diferenças de classes. Nessa perspectiva, o Realismo direciona o olhar para os pilares da sociedade, a família burguesa, o Clero e o Estado.

O romance *Os Maias*, considerado por alguns teóricos como a obra prima de Eça de Queirós, sem dúvida, traz o melhor de sua inspiração literária e mostra, de forma objetiva, os conflitos entre os ideais românticos e realistas. Este estudo objetiva evidenciar na citada obra as perspectivas socioculturais, o conflito de gerações e a representação dos movimentos literários através das figuras masculinas da família Maia e dos poetas Alencar e Ega, o primeiro, amigo de Pedro da Maia, é um romântico conservador, o segundo, amigo de Carlos, filho de Pedro, é adepto dos ideais realistas. Busca-se observar a condição de gênero na sociedade através de uma análise da obra em duas etapas: dois núcleos amorosos em duas gerações diferentes.

Apesar de *Os Maias*, assim como a maioria das obras realistas, trazer a mulher como figura central no triângulo amoroso, observa-se que esta obra mostra a passagem do tempo; as mudanças sofridas pela sociedade e os movimentos literários, através das figuras masculinas da família Maia e dos poetas Alencar e Ega. Portanto, a estrutura da trama queiroseana está montada sob ótica do masculino, embora trate do adultério feminino.

A obra não se furta a mostrar, na perspectiva feminina, figuras como a de Maria Monforte, que assim como as outras personagens criadas nessa mesma perspectiva, traz a idealização de um amor que a leva ao adultério, fato evidenciado no momento em que ela foge com um príncipe, como se o tivesse sonhado a vida inteira. Porém, são o comportamento, o caráter e as atitudes dos homens que dão suporte a história e são como fio condutor para o núcleo narrativo, haja vista que o suicídio de Pedro da Maia tira Maria Monforte de cena, embora seja ela o motivo da tragédia.

A segunda parte da obra está centrada sob as figuras de Afonso, o avô, e de Carlos, o neto, a figura materna só vem novamente a emergir anos depois, quando Maria Monforte procura a filha, Maria Eduarda e a encontra envolvida amorosamente com o próprio irmão, Carlos Eduardo. É expressa também a condição instintiva do homem “animalizado”, como condiz a estética realista/naturalista, através do incesto consciente, pois Carlos, mesmo após descobrir que Maria Eduarda é sua irmã, mantém relações sexuais com ela. Já os poetas Alencar e Ega, deixam reve-

Maria do Socorro Pereira de Almeida

lar perspectivas do entrevero de Antônio de Castilho e Antero de Quental e a Questão Coimbrã que desencadeou a chegada do Realismo em Portugal. Por outro lado, vemos também nas ideias revolucionárias de Eça em relação à literatura realista a o pensamento do próprio autor.

2 GÊNERO E SOCIEDADE

Refletir sobre gênero é, antes de tudo, adentrar nos meandros do poder da sexualidade, por isso é um assunto complexo e de muita responsabilidade, por que abrange o ser como um todo; não é só analisar diretamente homem e mulher, mas o que eles representam na realidade social do seu tempo, como afirma Anacleto (2004, p. 25) “A construção do gênero não se apresenta da mesma forma em todas as épocas e lugares, varia de acordo com as leis, religiões e maneira de organizar a vida familiar”.

Dessa forma, de acordo com Muraro e Boff (2002), os direitos e deveres como norma de conduta do homem ou da mulher advém de uma construção cultural que depende do grau de influência de vários fatores. Cada sociedade ou grupo social adquire suas próprias convenções e através delas cobram comportamentos e atitudes de seus indivíduos e os que, por acaso, não seguirem ou se desviarem dos valores convencionados poderão ser punidos. Todas essas situações e condições em que se evidenciam as relações humanas, os aspectos ideológicos em relação a etnia, classe social, gênero entre outros, têm suas raízes na história, nas culturas, religiões e tradições.

A análise de gênero é a maneira como é interpretada a condição dos sujeitos sociais em suas relações de masculino e feminino dentro da sociedade ou do grupo social em que estão inseridos. Elizabeth Badinter (2005), observa que na história da humanidade, desde tempos remotos, o contexto de uma sociedade patriarcal quase que em todo mundo, revelada a partir de tabus, estigmas, modelos, até hoje presentes na vida social. Embora se pregue uma nova realidade, na prática não mudou muita coisa. Tais fatos são evidenciados através da arte, entre elas, a Literatura.

3 OBSERVANDO A OBRA: 1ª parte

A Literatura possui, essencialmente, sua própria verdade e é através dela que se refletem e se revelam os aspectos históricos e socioculturais pelos olhos do criador e da estética adotada pelo mesmo, que permite a condição de uma arte autônoma e a par de sua própria realidade narrativa, como observa Marcuse: “A obra é assim do processo constante da realidade e assume um

significado e verdade próprios” (1999, p. 21).

Na obra literária os dados são reformulados de acordo com a forma artística, que os provoca, propõe e revigora, através, como diz Eagleton (1991), de uma linguagem específica que se destaca em relação a linguagem comum e dá ao texto a unicidade e o teor encantatório. A sublimação estética tem uma função crítica e dá ao indivíduo, através da subjetividade, a possibilidade de perceber, fazer juízos de valores, ver o mundo com outros olhos. Assim, a arte cumpre com a sua função crítica e contribui para a libertação do pensamento dos indivíduos. Em cada época temos olhos que veem e obras que dizem através da verdade criadora e criativa de cada autor. Dessa forma, são formados os movimentos literários, executores enquanto “moderno” e executados quando ultrapassados para a continuidade do ciclo, como acontece na vida.

De acordo com Otávio Paz o moderno é uma tradição a partir do momento que é ultrapassado por outro contexto ao qual nos reportamos como moderno, e isso ocorre continuamente, como afirma Paz (2013, p. 15): “A modernidade é uma tradição polêmica que desaloja a tradição imperante, seja ela qual for, mas só a desaloja para no instante seguinte ceder lugar a outra tradição que, por sua vez é mais uma manifestação momentânea da atualidade”. Uma geração nasce e revela aspectos contrários aos já existentes assim como um movimento revela-se contrário ao contexto vigente e faz vigorar novas ideias. Nesse contexto, o século XIX é movido primeiro pelo Romantismo e depois pelas perspectivas realistas que desconstruem o idealismo romântico.

Com relação a obra de Eça de Queirós, percebemos que na segunda fase de sua obra o autor tenta, entre outros fatores, deixar evidentes as diferenças entre Romantismo e Realismo e descortinar as hipocrisias sociais, como bem afirma Mônica (2001, p. 166),

A estupidez humana passou a ter um charme mórbido. A mesquinhez da pequena burguesia assumiu contornos lascivos. A grosseria dos clérigos transformou-se em matéria atraente. Em vez de olhar para as nuvens, Eça decidiu enfrentar o mundo. A parte realista de sua alma deliciava-se agora na descrição dos males terrestres. Muitos aspectos chocavam Eça, mas talvez nenhum tanto quanto a hipocrisia da sociedade portuguesa.

Em *Os Maias* vemos a formação do triângulo amoroso, no entanto, a presença do masculino é de suma importância, tanto na estrutura quanto no contexto narrativo. São as figuras dos homens e seus comportamentos que marcam a passagem do tempo, os conflitos de gerações, os movimentos literários na obra, o passado e o presente, representados sob a ótica desses persona-

Maria do Socorro Pereira de Almeida

gens, além disso são os homens que “carregam” toda a narrativa a partir do desaparecimento de Maria Monforte, mulher de Pedro da Maia. O homem aparece como vítima e a mulher sempre como a causadora da desventura tal como nos faz ver a sociedade. Nesse contexto, é interessante observar o que diz Simone de Beauvoir (2008, p. 28):

Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio.

As palavras de Beauvoir nos faz observar na obra queirosiana que a visão de Outro pode está também na forma como a sociedade o faz se sentir assim. A mulher sempre é vista como a que, tomando atitudes iguais às dos homens, sempre estará errada por ser mulher. Assim, na obra em questão o masculino é visto como o Um, o principal, o essencial, o violado pela intervenção feminina. Já as mulheres, no contexto narrativo, vêm na condição de invasoras, especialmente Maria Monforte e Maria Eduarda. Quando Pedro conhece Maria Monforte o olhar de Afonso para ela era de alguém que invadira a família Maia e maculara o nome idôneo, afinal como diz o próprio Afonso: “é a filha d’um assassino, d’um negreiro, a quem chamam também a negreira! (QUEIRÓS, 2000, p. 16)

A família Maia é composta pelos varões, na primeira parte Afonso da Maia e o filho Pedro, na segunda parte Afonso e o neto Carlos. A mãe de Pedro não tem participação direta, é apenas aludida pelo narrador e de forma um tanto quanto pejorativa, uma vez que é considerada beata e fraca pelo marido, que ainda lhe atribui a culpa pela “fraqueza” do filho, ou seja, a mãe de Pedro aparece apenas como aquela que trouxe ao varão da família a perspectiva negativa de ser, configurando-se aí a crítica ao romantismo.

Quando as outras mulheres entram na família são vistas da mesma forma. Maria Monforte trouxe a desavença, a alienação a Pedro e o tornou fraco pelo sentimento, o que o fez chegar ao suicídio. Já Maria Eduarda, quando chega na vida de Carlos é como se ele perdesse o dompínio sobre si, em virtude do sentimento que o uniu a ela. Todos esses aspectos são vistos de forma negativa como se essas mulheres fossem a mácula da família em que os varões eram símbolo de perfeição. Dessa forma, não seriam os homens a errar, mas as mulheres a levá-los ao “erro”.

De acordo com essas perspectivas, os homens da família Maia podem ser vistos como o Eu, o

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Um, porque se afirmam à frente daquele a quem veem como o Outro. As mulheres, especialmente Maria Monforte e Maria Eduarda, são vistas como pessoas de segunda estirpe. Não é à toa que Maria Monforte não consegue ser feliz depois de deixar Pedro, além de ter sido a causa da morte de Pedro é também a provocadora do duelo que matou Tancredo, seu companheiro. Maria tem seu fim como o de muitas, a prostituição, as ruas, o fracasso e a morte. Observa-se que Maria sofreu o castigo pelo erro, não só de se apaixonar por outro homem, mas de ter ousado trair o marido e tê-lo levado a morte. Esses aspectos vão ao encontro de sua filha, Maria Eduarda, para quem serão passados hereditariamente. No entanto, o autor, como bem mostra ao longo da obra, desconstrói um pouco essa visão determinista que seria imposta à Maria Eduarda quando tira dela a culpa da tragédia e coloca em Carlos Eduardo a responsabilidade do incesto, uma vez que ela continuava ignorando os laços de sangue entre eles, enquanto ele a procurou mesmo sabendo de tudo.

No entanto, Maria Eduarda, para ter um destino diferente foi ajudada por Carlos, como se sem o dinheiro e o apoio dele, agora principal herdeiro e varão da família Maia, não fosse possível sua “salvação”. Nota-se que Maria Eduarda, apesar de demonstrar uma forte personalidade, teve que ser resgatada por um homem, agora seu irmão, para poder voltar ao seio da sociedade.

Podemos observar que em outras obras desse período, encontra-se apenas um núcleo amoroso, em *Os Maias* o autor propõe dois momentos, o primeiro quando Pedro vive seu tumultuado casamento com Maria Monforte e se mata depois da fuga da mesma com o amante, e o outro quando Carlos Eduardo, filho de Pedro, passa a viver o amor incestuoso com Maria Eduarda, já na metade da narrativa.

Passa-se um considerável tempo entre esses ocorridos e, durante esse período, são Afonso da Maia, o avô e Carlos Eduardo, o neto, além dos poetas Ega e Alencar, que dão sustentação à narrativa, com a ajuda, é claro, de outros personagens. Na primeira parte, apesar de Maria Monforte ser o pivô da discórdia, são os dois homens Afonso e Pedro que, num jogo de diferenças de caráter e comportamento, embasam a história e evidenciam a passagem do tempo no conflito de gerações e, ao mesmo tempo, mostram aspectos neoclássicos, na figura do pai, Afonso e românticos, através do filho Pedro:

[...]Essa carolice que o cercava ia lançando Afonso num ateísmo rancoroso: queria as igrejas fechadas como os mosteiros, as imagens escavacadas a machado, uma matança de reverendos. Quando sentia, na casa, voz de rezas fugia para o fundo da quinta a ler o seu Voltaire[...]" (QUEIRÓS, 2000, p. 17).

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Ao contrário do pai, Pedro era sentimentalista e frágil. “Pedro da Maia amava! Era um amor à Romeu, vindo de repente numa troca de olhares fatal e deslumbradora” (QUEIRÓS, 2000, p.18). Ao saber do namoro de Pedro, Afonso deixa a vista seu conservadorismo aristocrata e burguês e a racionalidade que se evidencia através de seu pensamento em achar que paixão é burrice e que o homem deveria se divertir e não se apaixonar. Também mostra o preconceito ao falar de Maria Monforte. “Em fim todos os rapazes tem suas amantes...Os costumes são assim, a vida é assim, e seria absurdo querer reprimir tais coisas. Mas essa mulher com um pai desses, mesmo para amante acho má”. (QUEIRÓS, 2000, p. 22). Enquanto o pai rejeita sua amada, Pedro se mostra um homem desesperado, angustiado e cego de uma paixão submissa:

Outras vezes todo dia não saia do quarto: a tarde descia acendiam-se as luzes, até que o pai, inquieto, subia, ia encontrá-lo estirado sobre o leito, com a cabeça enterrada nos braços.

__que tens tu? __ Perguntava-lhe

__Enxaqueca __ respondia num tom surdo e rouco.

E Afonso descia indignado, vendo em toda aquela angustia covarde alguma carta que não viera, ou talvez uma rosa oferecida que não fora posta nos cabelos[...]

A partir daí há um confronto entre a racionalidade e frieza de Afonso e o sentimento de Pedro; o temperamento forte do pai e a sensibilidade do filho; a firmeza de Afonso e a submissão amorosa de Pedro. O temor de Afonso pela entrega total de Pedro fica claro no momento em que ele vê o casal passar na carruagem, o velho chega a professar uma desgraça:

Maria abrigada sob uma sombrinha escarlate, trazia um vestido cor-de-rosa cuja roda, toda em folhos, cobria os joelhos de Pedro, sentado ao seu lado; as fitas do seu chapéu, apertadas num grande laço, que lhe enchia o peito, também eram cor-de-rosa e a sua face grave e pura como um mármore grego. No assento de frente, quase tomado por cartões de modista, encolhia-se o Monforte.[...] O Serqueira, de olhos esgazeado, murmurando:

__Caramba! É bonita!

Afonso não respondeu, olhava cabisbaixo aquela sombrinha escarlate, que se inclinava sobre Pedro, quase o escondia, parecia envolvê-lo todo __ como uma larga mancha de sangue alastrando a caleche sobre o verde triste das ramas. (QUEIRÓS, 2000, p. 24)

Percebe-se que Afonso vê a paixão como burrice e inconsciência de ser, fato que nos remete ao olhar do autor sobre os aspectos românticos. Ao longo da obra os personagens são observados de modo a situá-los em cada momento literário, “Afonso da Maia, um velho já quase antepassado, mais idoso que o século” (QUEIRÓS, 2000, p. 08). Em seguida, Vilaça, amigo da família, ao se referir ao Ramalhete, casa em que Afonso voltaria a morar, alude a Voltaire, Guizote e

Maria do Socorro Pereira de Almeida

outros pensadores liberais do Iluminismo. Até a decoração da casa é mostrada à semelhança estilística da arquitetura do século XVIII:

Uma sala mais pequena, ao lado, onde se fazia música, tinha um ar de século XVIII com seus móveis enramalhados de ouro; as suas sedas de ramagens brilhantes; duas tapeçarias de Golbelins, desmaiadas, em tons cinzentos cobriam as paredes de pastores e de arvoredos (QUEIRÓS, 2000, p. 09).

Afonso fora criado sob a rigidez do pai, ele tinha essência anarquista, mas fora enquadrado na cultura paterna. Depois de morar na Inglaterra durante algum tempo se imbuí de conservadorismo aristocrático, não aceitando a revolução liberal que acontecia em Portugal. Depois de instalada a República portuguesa ele vai morar na Inglaterra com a mulher e o filho Pedro. Porém a mulher de Afonso não se adapta à vida inglesa, a frieza do clima revela a frieza do povo e ela sente falta do calor humano do seu Portugal, expressando o espírito nacionalista e o saudosismo. Ela não queria que o filho crescesse naquela terra, longe da Igreja e, por isso trouxe o padre de Lisboa para acompanhar Pedro, fato que era reprovado por Afonso que não suportava a carolice e os dogmas da igreja, para ele Pedro cresceu com a fragilidade e o sentimentalismo da mãe uma vez que ela se deixou morrer de tristeza, mostrando aí uma perspectiva romântica e a mulher como indutora dela. Essas perspectivas femininas vistas nos preceitos românticos por alguns críticos são mostradas por, Michael Lowy e, Robert Sayre em *Revolta e Melancolia, o Romantismo na contramão da modernidade*, de forma discutível, uma vez que os autores mostram também, opiniões contrárias por outros estudiosos. (1995)

Eça, de certa forma, quebra com algumas perspectivas do Realismo, porque, enquanto em outros romances da época apenas a mulher paga pelo “crime”, e seus amantes saem ilesos, em *Os Maias*, esses homens também têm sua culpa questionada e alguns têm fim trágico. Esse caráter trágico dado aos amantes não é pela atitude propriamente dita, mas pelo sentimentalismo romântico deles, ou seja, por terem se deixado levar pelo sentimento como é o caso de Pedro e de Tancredo. Tancredo, o príncipe que fugiu com Maria, morre brigando pelo amor dela em um duelo, o que mostra mais uma vez a figura feminina numa perspectiva negativa de discórdia e a cegueira do amor do príncipe. Pedro, o marido traído, se mata, como se pagasse pelo seu romantismo cego. A partir desse fato, as atenções vão para o masculino, Maria sai de cena para que os homens conduzam a narrativa e vivam as consequências do romantismo insano dela: “Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentela — e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho

Maria do Socorro Pereira de Almeida

já, Quase um antepassado, mais idoso que o século, e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra” (QUEIRÓS, 2000, p. 8).

Depois de perder o filho, Afonso vai morar em Santa Olávia, levando o neto, Carlos Eduardo e, ao mesmo tempo, tenta resgatar a menina, Maria Eduarda, levada pela mãe. A natureza árcade também é um dos aspectos a ser observado. Santa Olávia é, para Afonso, o paraíso, o refúgio onde se esconde do mal sofrido em Lisboa, a casa é descrita minuciosamente como um louvor a natureza.

[...] A quinta verdejava na grande doçura do ar tranquilo, sob o azul ferrente. Na chaminé só restava uma cinza branca; os lilases das jarras exalavam um aroma vivo, que se misturava com o do creme queimado, tocado de um fio de limão[...] defronte do terraço os gerânios vermelhos estavam abertos, as verduras dos arbustos, muito tenras ainda, duma delicadeza de renda, pareciam tremer ao menor sopro, vinham por vezes um vago cheiro de violetas, misturando-se ao perfume adocicado das flores do campo[...] (QUEIRÓS, 2000, p. 47-48).

Ao contrário de Pedro, Carlos é criado com muito mais liberdade de expressão, porém dentro de uma rigidez de regras de comportamento como horário, senso de valores, objetividade e uma vigilância à sensibilidade, como era da essência do avô e como prega também os ideais realistas. Os valores passados para o menino eram de ética e moral, porém sem a influência da igreja. Observa-se, no entanto, que nesses valores não se incluía a fidelidade à mulher. Para Afonso o homem era melhor, mais importante que a mulher e deveria se divertir com elas e não se apaixonar. Mesmo quando houvesse os laços matrimoniais, esses deveriam ser observados racionalmente, para a conveniência e melhora da família, em termos de status e poder aquisitivo. Embora muitos criticassem, Afonso era implacável na luta contra o comportamento eclesiástico como se vê a seguir

E Afonso da Maia respondia-lhe com bom humor:

__ Então que lhe ensinava você, abade, se eu lhe entregasse o rapaz?

Que se não deve roubar o dinheiro das algibeiras, nem mentir nem maltratar os inferiores, porque isso é contra os mandamentos da lei de Deus e leva ao inferno? É isso?...

__ Há mai alguma coisa...

__ Bem sei. Mas tudo isso que você lhe ensinaria que se não deve fazer por ser um pecado que ofende a Deus, já ele sabe que se não deve praticar, porque é indigno de um cavalheiro e de um homem de bem.

__ Mas meu senhor...

__ Ouça abade. Toda a diferença é essa. Eu quero que o rapaz seja virtuoso por amor da virtude e honrado por amor a honra; mas não por medo às caldeiras de Pedro Botelho, nem com o engodo de ir para o reino do Céu. [...] (QUEIRÓS, 2000, p.,50)

Maria do Socorro Pereira de Almeida

A atitude de Afonso evidencia pensadores da época neoclássica, entre eles Voltaire como mostra Silva no livro *O ateu e o Sábio* (2000, p. 09), ao se referir ao filósofo.

Voltaire acreditava na existência de um Deus, embora fosse um crítico da Igreja Católica, particularmente com relação ao seu poderio, a sua ingerência nos negócios do Estado, aos desmandos das autoridades eclesiásticas e a prepotência dos Jesuítas que se consideravam donos da verdade cristã.

Percebe-se o embasamento do comportamento e pensamento de Afonso através dos pensadores considerados malditos clérigos, na época iluminista, justamente por esses pensadores condenarem as atitudes dos representantes da Igreja. Já Pedro tinha um laço muito forte com o eclesiástico o que, na opinião do pai, tinha o tornado fraco. Pedro tinha atitudes e pensamentos românticos, era um melancólico solitário e ainda sofreu a influência da boemia através de Alencar, poeta romântico que se tornou amigo de Pedro para poder garantir a bebida da noite, a qual trocava por informações sobre Maria Monforte e por poemas, recitados para o encantamento do rapaz. Ambos tinham almas românticas, padeciam de uma mesma solidão própria dos boêmios e apaixonados. Assim, Alencar é a própria representação do Romantismo já decadente na década de 1860 em Portugal.

Depois da tragédia que abalou a família Maia, Afonso vê em Santa Olávia, uma quinta nas margens do Douro, afastada do reboliço da cidade, uma maneira de esquecer a tristeza, é como se quisesse evitar que Carlos se envolvesse com o passado, e ali ele conseguia manter distância entre o menino e o mundo, pelo menos, temporariamente. Observa o neto e faz planos para o seu futuro, cria-o diferente para que seja diferente, sonha em Carlos o seu substituto em termos comportamentais. Esse aspecto vem à luz na cena do balanço de Carlos sob o olhar do avô.

__ Qual! É só balouçar-se... Olhe para quilo!

__ Olhe para aquilo Vilaça __ repetiu Afonso

O pequeno muito alto no ar com as pernas retezadas contra a barra do trapézio, as mãos às cordas, descia sobre o terraço, cavando espaço largamente, com os cabelos ao vento, depois se eleva serenamente, crescendo em pelo sol; todo ele sorria. (QUEIRÓS, 2000, p. 48)

O balanço de Carlos indo cada vez mais alto e a luz do sol sobre ele evidencia o sonho, os planos de Afonso para ele, o ir além, ao contrário do pai. O sol representa a iluminação das ideias, Carlos não seria um melancólico romântico como o pai.

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Durante toda obra vemos uma crítica ao Romantismo e às atitudes românticas: Maria Mnforte, mulher de Pedro era chegada ao poeta Alencar, esse lhe emprestava livros e foi em um deles que ela encontrou o nome para dar a Carlos Eduardo, dizendo que era nome de príncipe. Pedro, no casamento, era o que só dizia sim, enquanto Afonso era a representação da firmeza e do equilíbrio neoclássico. Afonso não perdia o equilíbrio emocional em momento algum, por maior que fosse o choque, chegava a impressionar os amigos com a sua frieza, “[...] o velho Afonso era um bloco de granito” (QUEIRÓS, 2000, p.355)

4 OBSERVANDO A OBRA: 2ª parte

Carlos Eduardo da Maia cresce e torna-se médico, uma profissão que, na época, não era de muito status, mas era gosto do rapaz, então o avô não se opôs e ainda prepara-lhe uma casa em Celas “isolada com graça de cottage inglês, ornada de persianas verdes, toda fresca entre arvores. Um amigo de Carlos, João da Ega, pôs-lhe o nome de “Paços de Cela”, por causa de luxos então raros na Academia”.(QUEIRÓS, 2000, p. 64).

Carlos se regala de festança e mulheres como era próprio aos jovens da época e, ao voltar para casa, traz consigo o amigo João da Ega, um poeta irreverente, com olhos no mundo, observador dos comportamentos humanos, um crítico ferrenho dos políticos e da burguesia, condenava o tradicionalismo e a fantasia. Ao chegar em Lisboa encontra-se com o velho poeta Alencar e começam a se digladiarem intelectualmente, Alencar um defensor das tradições e dos sentimentos, cantava o amor e a utopia, os quais defendia em meio aos sarais e refeições. Em um dos jantares, um dos momentos importantes da obra, a conversa já bem alicerçada, sai a opinião de Carlos:

Esse mundo de fadistas, de Faias, parecia a Carlos merecer um estudo, um romance. [...] Isso levou-se logo a falar do *Assumoir (A Taberna)*- Emile Zola e Alencar, imediatamente, limpando os bigodes dos pingos de sopa, suplicou que se não discutisse, à hora asseada do jantar, essa literatura latrinária. Ali todos os homens eram homens de asseio então que se não mencionasse o excremento”!(QUEIRÓS, 2000, p. 113)

Ega, um rapaz ousado, atrevido e inquieto que queria transformar o mundo, queria lutar contra injustiças sociais e expor os negrumes humanos dizia que:

Justamente o fraco do Realismo estava em ainda ser pouco científico, inventar enredos, criar dramas, abandonar-se a fantasia literária! A forma pura da arte naturalista devia ser a monografia, o estudo seco dum tipo, dum vício, duma paixão tal qual como se tratasse dum caso patológico, sem pitoresco e sem estilo”!...(QUEIRÓS, 2000, p.115).

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Esses duelos eram travados em qualquer lugar, evidenciando mais uma vez os conflitos de gerações tanto na vida quanto na arte, pois se revela aí o nascimento do Realismo em detrimento ao Romantismo. Os poetas, na obra, transluzem a realidade vivida por Eça que, ao lado de Antero de Quental, lutou contra os ideais românticos e pela liberdade de desmascarar a burguesia lisboeta. Também observa-se aí uma alusão aos perrengues entre Antero de Quental e Antonio de Castilho que contribuíram para que essas novas ideias positivistas viessem à tona. Esse conflito entre Castilho e Antero foi denominado de Questão Coimbrã que iniciou o Realismo em Portugal e está representado na obra por Alencar e Ega como plano de fundo que embasa a vida de Carlos, agora já homem. Alencar era amigo de Pedro e Ega, amigo de Carlos, vemos aí a representação dos movimentos literários e ao mesmo tempo a passagem do tempo e o conflito de gerações.

A maior afirmação desse Realismo é o próprio Carlos, um jovem atraente que deixa as mulheres enternecidas só em vê-lo. A condição da época naturalista, da realidade fictícia, faz com que ele aproveite bem sua condição de macho fatal. Em meio a burguesia hipócrita, todos sabiam dos desvios femininos, mas faziam de conta que não viam. Carlos não hesitava em proporcionar momentos de prazer às damas frustradas da sociedade. Porém, irá mudar radicalmente sua condição de “macho”, para quem o sexo é só o prazer, no momento que encontra Maria Eduarda:

Foi como uma inesperada aparição __e vergou profundamente os ombros, menos a saudá-la, que a esconder a tumultuosa onda de sangue que sentia abrasar-lhe o rosto, [...] Carlos Pousou-se embaraçadamente à borda do sofá de repes. E depois de um instante de silêncio, que pareceu-lhe profundo, quase solene, a voz de Maria Eduarda ergueu-se, uma voz rica e lenta, dum tom de ouro que acariciava[...] (QUEIRÓS, 2000, p. 240)

Carlos se apaixonou por Maria Eduarda sem saber que era sua irmã, até porque desconhecia a existência, tanto dela quanto da mãe. Maria Eduarda, apesar de ter um companheiro e de lutar para evitar a traição, não resiste e se entrega a Carlos. Os dois vivem intensamente esse amor. O comportamento de Carlos muda e mais uma vez Afonso presencia o amor, essa epifania sofrida pela alma humana, invadir sua família e trazer novamente os dissabores. Novamente percebe-se a intencionalidade de fazer crer que todo sofrimento advém da figura feminina.

O patriarcalismo na obra se evidencia também no sistema familiar. Enquanto a família está composta, temporariamente por varões, tudo caminha harmoniosamente, conforme a ordem patriarcal, porém, a harmonia patriarcal é subvertida quando a figura feminina aparece, trazendo a tragédia. Primeiro, a mulher de Afonso que faz do filho um sentimentalista fraco e morre de tristeza se ne-

Maria do Socorro Pereira de Almeida

gando a lutar pela vida. Depois, Maria Monforte, mulher de Pedro, traz a tragédia quando o trai e ele se suicida, mais uma vez a mulher carrega a culpa do destino trágico do homem. Depois da superação, constitui-se outra tragédia novamente trazida pela figura da mulher, agora com Maria Eduarda que, sem saber, manterá um romance com o irmão, concretizando o incesto.

Carlos, depois de tirar Maria Eduarda do marido e de quase se casar com ela, descobre que ela é sua irmã, vem mais uma vez o desespero de Afonso e do próprio rapaz. Ele vai ao encontro da irmã para contar-lhe a verdade, mas ao encontrá-la na cama, não resiste e atira-se nos braços dela, agora, consciente do incesto. Nesse momento evidencia-se, através de Carlos, a impureza da natureza humana, um irracional que age pelo impulso e pelo instinto, ficando expressa a perspectiva naturalista da literatura da época.

Com a demora do neto e já prevendo a desgraça, Afonso vai à procura de Carlos no quarto e não o encontrando já imagina tudo, ao chegar Carlos nota o olhar inquisidor e a não aceitação da situação por Afonso. O rapaz vai dormir com a consciência pesada e cheio de vergonha do avô. O velho, defensor da moral e dos bons costumes, não resiste à tamanha ironia do destino e à decepção, e morre. Depois de superado o choque e a dor pela perda do avô, os irmãos se separam, Maria Eduarda vai para Paris, lá ela se casa e Carlos segue sua vida.

É relevante observar a punição ao masculino quando esse expressa a condição dada à mulher: o sentimentalismo que está expresso tanto em Pedro quanto em Tancredo, fato que mostra a perspectiva de que, segundo Machado (2005) homem não pode deixar transparecer um sentimentalismo, pois esse o torna fraco. Assim, a condição da mulher e do romantismo é condenada durante toda obra. A traidora Maria Monforte morre depois de passar o resto da vida como prostituta e doente. O príncipe que a roubou também paga pelo amor insano. Alencar é condenado a viver vagando de bar em bar durante toda obra, sem uma referência; Pedro, traído pela própria paixão cega, que o impede de lutar pela vida, acaba por findá-la. Porém, Carlos foi premiado pela sua racionalidade, teve todas as mulheres/objetos, inclusive a irmã, depois de tudo, ele começa uma nova vida, sem nada para lamentar.

É interessante a posição bem definida tanto do feminino quanto do masculino na obra, ela começa e termina com o masculino, através de Carlos e de Eça, justamente os que têm características realistas conseguem ultrapassar toda a obra e terminarem começando uma nova vida o que mostra também a condição de uma obra cíclica. A sociedade patriarcal mostra o masculino

Maria do Socorro Pereira de Almeida

como sua pilastra de sustentação e Eça não foge a isso, evidencia esse contexto, através de alguns personagens, como o Conde Gouvarinho que representa o poder econômico como banqueiro. Já o Choen representa o poder político na pele de um ministro, enquanto os varões da família Maia representam o equilíbrio familiar, os bons costumes e a educação.

Por outro lado, os dois poetas irão representar o poder intelectual. No caso das mulheres, elas aparecem para compor o quadro, a sustentação da obra é dos homens assim como a da sociedade, a mulher apenas assume o seu papel, afinal ela tem uma imagem constituída pela sociedade, e por isso, ao aparecer na obra, ela está sempre ao lado de um homem e ocupa um lugar fútil, sem valor social ou intelectual, apenas compõe o seu lugar de mulher objeto de estimação, com o comportamento que lhe é instituído: fútil, traidora, fofoqueira, mas sempre bem vestida, dentro dos padrões sociais. Essa condição da mulher só é quebrada com a presença de Maria Eduarda, pelo seu comportamento, caráter, segurança e altivez. Fato que já faz emergir a nova condição da mulher no final do século XIX, ou seja, o autor, através de Maria Eduarda, dá indícios da ascensão da mulher nessa época.

A obra tem um contexto cíclico, termina exatamente como começa, Carlos, depois de dez anos, volta a visitar o casarão e encontra suas lembranças, não melancólicas, mas ternas. Depois, juntamente com Ega sai correndo em busca do seu destino, do que está por vir, evidenciando a abertura da obra, a sugestividade dada pelo autor. Observa-se nesse momento final um certo preceito existencialista, uma vez que apresenta-se Carlos e o amigo em um ambiente vago, numa casa desabitada, envelhecida, com ares sombrios e tristes, perspectivas que nos faz observar os preceitos do simbolismo que estava se afirmando na literatura. Carlos e Ega comentam sobre a vida e o vazio que ficou de tudo e depois correm em busca de um novo rumo.

A perspectiva cíclica está expressa em várias situações, na obra. Maria Eduarda borda enquanto é admirada por Carlos em sua casa, em visitas que ele faz com o pretexto de assistir à governanta convalescente. Maria Monforte, mãe de Maria Eduarda e de Carlos, bordava enquanto flertava com Tancredo durante os sarais em casa. Ela prostituiu-se depois e não mais conseguiu sair da situação e acomodou-se a ela, já Maria Eduarda caiu em “desgraça” em virtude do meio em que vivia como quer o determinismo realista, porém, pela força de vontade e pelo caráter, conseguiu driblar o destino, desconstruindo o idealismo social a respeito da mulher.

Pedro da Maia foi surpreendido pela fuga da mulher, fato que destruiu sua família e a ele próprio. Carlos, antes de saber que Maria Eduarda não era casada com Castro Gomes, também já

Maria do Socorro Pereira de Almeida

fazia o mesmo papel do amante da mãe ao paquerar com ela, ao pensar em fugir com Maria. Embora a situação não fosse a mesma havia uma semelhança, pois Maria Eduarda vivia maritalmente com um homem.

Pedro tinha o poeta Alencar como confidente e amigo de todas as horas, Carlos Eduardo tem Ega, também poeta, o seu melhor amigo e confidente. O pai tinha a ruína de sua vida nas mãos de uma mulher, fica claro que o destino de Carlos não foi o mesmo em virtude de sua racionalidade que o fez pensar melhor e com mais equilíbrio na situação quando descobriu que, de certa forma, havia sido traído, pois Maria Eduarda lhe omitira a verdade quanto ao passado dela, ao contrário de Pedro que, cego, apaixonado e desesperado, acabou por se matar.

Maria Monforte entra na família Maia e desencadeia-se uma tragédia, Maria Eduarda, adentra à família que, na verdade já era sua, e volta o contexto de tragédia. Ainda se pode perceber também que, a mesma cumplicidade e admiração que Alencar tinha pela Monforte, Ega tem por Maria Eduarda. Assim, a condição cíclica; dos vai-e-vem da vida; das gerações que se renovam; o tempo que possibilita tudo isso e os movimentos literários que acontecem acompanhando essas gerações, ficam claros nas vidas dos personagens, que o autor trata como “Episódios da vida romântica”, o subtítulo da obra.

Carlos e Ega, dez anos depois, voltam ao Ramalhete, fazem reflexões sobre o passado e o presente enquanto caminham pela rua e também para o futuro. A obra abre essa lacuna quando mostra os rapazes tentando pegar o trem que dá sinal através da luz piscante, “acendendo” nos dois amigos, a esperança do alcance do destino, de uma meta, quem sabe, de um sonho. Agora os amigos correm pela rua para alcançar o trem e também um novo amanhã, uma nova etapa na vida, um novo ideal, uma nova forma de viver ...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto, observa-se que *Os Maias* não fogem a condição de uma obra realista, porém traz um diferencial a partir do momento que coloca na narrativa, os três mundos distintos, através das três gerações de varões, evidenciando a visão de mundo do homem em cada época e o comportamento do “ser” humano e social, assim como traz também o mundo literário colocado nessas três gerações que representam respectivamente, Neoclassicismo com toda clareza das ideias iluministas através de Afonso da Maia; o Romantismo na sua plenitude, características

Maria do Socorro Pereira de Almeida

e decadência através de Pedro da Maia e do poeta Alencar e, finalmente, o Realismo Naturalismo expresso na figura de Carlos e do Poeta João da Ega.

Assim, embora a obra traga no seu contexto, a traição, o triângulo amoroso, o dinheiro, o interesse e tudo mais que constam nas obras realistas, não é o triângulo em si que dá sustentação a ela, a estética montada em redor desse núcleo é toda masculina como se os homens fossem realmente a pilastra de sustentação da sociedade, expressando a condição patriarcal que vem a ser abalada com a chegada de Maria Eduarda, pois um fator importante a ser apreciado, é que, embora o feminino traga, como já foi dito, a obscuridade à obra, vale salientar que é na figura de Maria Eduarda que o autor resgata a imagem da mulher, pois é nela que vão ser expressas as virtudes como altivez, firmeza, justiça, lealdade, inteligência, beleza e elegância, também o lado humano que gostava de ajudar as pessoas.

Maria Eduarda tem esse aspecto pois “tinha um pensar muito reto e muito são __ com um fundo de ternura que a inclinava para tudo que sofre e é fraco”(QUEIRÓS, 2000, p. 254), ou seja, é através dela que a condição do ciclo vital também está expressa, ela representa os valores perdidos, numa tentativa de resgate que mostra uma esperança de um mundo melhor, fato que deixa sutilmente nas entrelinhas um pouco do Romantismo positivo e utópico inerente a cada um de nós, pois acreditar na recuperação da alma humana é poder acreditar que a vida vale a pena, esse é mais um aspecto implícito na obra.

REFERÊNCIAS

ANACLETO, Juliana. **Gênero. Que História é essa?** 2004 –disponível em www.ujs.org.br/2006 acesso em 05/2007.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo Equivocado: O feminismo e alguns destinos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **A mulher independente.** Rio de Janeiro: Agir editora, 2008.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary.** São Paulo. Nova Cultural,2002.

LOWY, Michael e SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia- O Romantismo na contramão da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MACHADO, Vanderlei. As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis in, **Revista de estudo feminista** vol 13 no . Florianópolis: jan./2005. (org.) SCHPUN, Mônica Raisa. Disponível em www.scielo.php?pid=50504-026x2005000100017 acesso em 30/01/2008.

MÓNICA, Maria Filomena. **Eça: vida e obra de José Maria Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MURARO, Rose Marie e BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: Uma Nova Consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

PAZ, Otávio. **Os filhos do Barro**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias**, São Paulo: Nova Alexandria: 2000.

_____. **O Crime do Padre Amaro**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **O Primo Basílio**. São Paulo: Scipione, 1994.

VOLTAIRE, Jenni. **O Ateu e o sábio**. Coleção obras do pensamento universal edição 49 São Paulo: Escala, [2000?].